

SILÊNCIOS QUE GRITAM

A PREFEITURA DO RIO, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, cuida de um dos maiores patrimônios brasileiros: a cultura carioca.

São mais de 50 equipamentos espalhados por toda a cidade, entre teatros, arenas, museus, bibliotecas, salas de leitura e centros culturais. Uma das maiores redes municipais de equipamentos de cultura da América Latina.

Investimos mais de R\$ 200 milhões por ano em cerca de 1.200 projetos pensados, produzidos e estrelados pela cena cultural carioca. São milhares de empregos gerados e um grande aporte financeiro para a cidade.

Criada em 2013, a Lei Municipal de Incentivo à Cultura da cidade do Rio de Janeiro (Lei do ISS) é o maior mecanismo de incentivo municipal do país em volume de recursos e busca estimular o encontro da produção cultural com a população. Acreditamos que a cultura é um vetor fundamental de desenvolvimento econômico e social e de protagonismo da diversidade, democracia e da nossa identidade.

**Prefeitura do Rio**  
**Secretaria Municipal de Cultura**



Patrocínio

Cultura

**Produto derivado do Projeto Exposições Afrocentrada  
na Galeria dos Pretos Novos**

João Carlos Nara Jr.

# SILÊNCIOS QUE GRITAM

## Testemunhos da Escravidão Africana no Rio de Janeiro

Análise dos “Livros de Óbitos de Escravos” do Cemitério  
de Pretos Novos do Valongo na Freguesia de Santa Rita  
(1812-1818 e 1824-1830)

LETRACAPITAL

**IPN** | SÍTIO  
ARQUEOLÓGICO  
MUSEU MEMORIAL  
INSTITUTO  
PRETOS  
NOVOS

Copyright © Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos, 2025

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Do autor

PROJETO GRÁFICO E CAPA Jenyfer Bonfim

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: *Branding a Negro Woman. Apud The Negro in Virginia. Compiled by Workers of the Writers' Program of the Works Project Administration in the State of Virginia. New York: Hastings House Publishers, 1940*

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

---

N177s

Nara Jr., João Carlos

Silêncios que gritam : testemunhos da escravidão africana no Rio de Janeiro /  
João Carlos Nara Jr. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2025.  
608 p. ; 28 cm.

Apêndice

Inclui bibliografia e índice

ISBN 978-65-5252-144-6

1. Negros - Rio de Janeiro (RJ) - História. 2. Escravidão - Brasil - História. 3. Negros - Rio de Janeiro (RJ) - Identidade étnica. 4. Brasil - Civilização - Influências africanas. 5. Valongo, Cais do (Rio de Janeiro, RJ) - História. I. Título.

25-97616.1

CDD: 981.53

CDU: 94(815.3)



---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

17/04/2025 25/04/2025

INSTITUTO DE PESQUISA E MEMÓRIA PRETOS NOVOS – IPN  
Rua Pedro Ernesto, 32-34 – Gamboa – Cep 20220-350 Rio de Janeiro – RJ  
Telefones: (21) 2516-7089 | (21) 96465-9983

<https://pretosnovos.com.br/> | [contato@pretosnovos.com.br](mailto:contato@pretosnovos.com.br) | [turismocultural@pretosnovos.com.br](mailto:turismocultural@pretosnovos.com.br)

ARQUIVO DA CÚRIA METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO  
Av. República do Chile, 245 – Centro – Cep 20031-170 Rio de Janeiro – RJ  
<https://catedral.com.br/arquivo/>

LETRA CAPITAL EDITORA

Tels.: (21) 3353-2236 / 2215-3781 / [www.letracapital.com.br](http://www.letracapital.com.br)

# Sumário

Apresentação.....	7
Os óbitos da Freguesia de Santa Rita no Valongo .....	9
A missão dos sítios de memória.....	11
Análise dos dados dos Livros de Óbitos .....	15
Política sanitária joanina .....	21
Tipologia dos navios negreiros .....	27
Pessoas, portos e nações .....	33
A exploração dos mercados africanos.....	42
Passagem pelas águas batismais .....	47
Travessia da Grande Calunga .....	52
Manobras diplomáticas .....	56
Significado das marcas da carregação.....	61
Marcas da terra e cicatrizes da alma .....	64
Referências bibliográficas.....	69
Apêndices.....	74
Cronologia.....	82
Índices remissivos.....	84
Transcrição.....	89
“Livro de Óbitos de Escravos” (1812-1818) – Freguesia de Santa Rita .....	90
“Livro de Óbitos de Escravos” (1824-1830) – Freguesia de Santa Rita .....	333



# Apresentação

Nas páginas dos últimos registros de óbito do Cemitério de Pretos Novos do Valongo, encontramos não apenas nomes de traficantes e datas de falecimento, mas ecos de uma história que clama por ser ouvida. Assim, após termos reproduzido todos os registros de óbito dos africanos sepultados no Cemitério de Pretos Novos do Valongo, na Freguesia de Santa Rita do Rio de Janeiro, agora procuramos mergulhar ainda mais fundo em sua história.

Os dois únicos livros remanescentes (de 1812 a 1818, e de 1824 a 1830) são testemunhas silenciosas dos últimos anos do tráfico negreiro oficial. Baseando-nos na transcrição paleográfica — a decodificação de escritos antigos para a grafia atual —, mergulhamos nas profundezas dessas estatísticas fúnebres. Esta análise revela, com assombroso rigor, a magnitude da prática desumana do comércio de cativos e as vidas abruptamente interrompidas de milhares de africanos. Os registros de óbito nos oferecem uma nova chave para compreender essa realidade violenta, lançando luz sobre um capítulo doloroso de nossa história.

Diante da riqueza deste material, convidamos os historiadores a explorá-lo, buscando novas abordagens e perspectivas que aprofundem nossa compreensão deste período.

Perante a magnitude e a importância desses dados, é imperativo refletir sobre seu significado no contexto atual. No marco dos 250 anos da criação do Cemitério de Pretos Novos do Valongo e dos 20 anos de fundação do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos, almejamos que esta obra impulse uma maior valorização da história e do legado dos africanos na formação da nossa sociedade. Que o conhecimento aqui compartilhado seja um instrumento para o combate ao racismo, à discriminação e à desigualdade social.

Expressamos nossa gratidão ao ex-deputado David Miranda (*in memoriam*), cujo apoio foi fundamental para a realização deste projeto e cujo compromisso com a cultura afro-brasileira segue nos inspirando.

Agradecemos também a S. Em.<sup>a</sup> Orani João Tempesta e ao Cônego Cláudio dos Santos, por terem possibilitado o acesso e a reprodução dos livros de óbito, garantindo a preservação e a difusão deste inestimável patrimônio.

Dedicamos este trabalho à memória dos que foram sepultados no Cemitério de Pretos Novos do Valongo. Que seus silêncios não apenas ecoem em nossa consciência, mas também nos impulsionem a atuar em prol de um futuro sempre mais justo e igualitário.

**Merced Guimarães**

Presidente do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos



# Os óbitos da Freguesia de Santa Rita no Valongo

## Fontes para a história do tráfico transatlântico

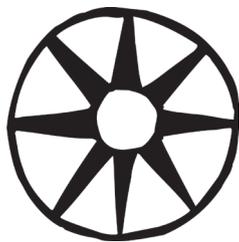
Mas, em vida tão escassa, que esperança será forte?  
Luís de Camões, *Sóbolos Rios Que Vão*

A forma como uma sociedade trata seus mortos revela muito sobre sua humanidade. No contexto brasileiro, a história da escravidão demonstra que nem todos tiveram direito à dignidade em sua passagem final. Os “pretos novos” — africanos recém-chegados ao Novo Mundo que perdiam a vida antes mesmo de serem comercializados — foram despojados de suas identidades e histórias, relegados ao esquecimento.

Entretanto, sua memória persistiu e ressurgiu. No Rio de Janeiro, os cemitérios de africanos da Freguesia de Santa Rita — o primeiro no Largo de Santa Rita (1741-1774) e o segundo no Valongo (1774-1830) — hoje se levantam como territórios de resistência e âmbitos de reivindicação por reparação. Nesses locais de aprendizado, é imperativo reafirmar a humanidade daqueles que foram enterados no silêncio da história.

Agradeço a ajuda de tantos amigos que acreditaram neste projeto e para ele contribuíram generosamente. Dedico especial apreço à arquivista Daniele Ximenes e sua equipe do Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, assim como ao fotógrafo Lincoln Filipe Canedo por seu trabalho dedicado de reprodução dos óbitos do Valongo. Também agradeço a arquivista Julia da Silva Nascimento pela colaboração na classificação das marcas da carregação. O capítulo sobre os navios negreiros contou com o prestimoso auxílio de Marcello José Gomes Loureiro, professor do Centro de Ciências Sociais da Escola Naval, que se dispôs a emendar qualquer imprecisão, pelo que fui muito lisonjeado; para este capítulo igualmente contribuiu o ilustre historiador Paulo de Assunção com a indicação de rica bibliografia. O mesmo Paulo integrou, com Jeferson Mendes e Gláucia de Souza Freire, a equipe de paleógrafos liderada por Érika Simone de Almeida Carlos Dias, cujo árduo trabalho de transcrição ficou excelente. Também agradeço a Carlos Eugênio Líbano Soares pelas sugestões oportunas e a Denise G. Porto pelo apoio costumeiro. Por fim, manifesto grande gratidão a Stéphanno Monteiro pelo desinteressado esforço despendido para a tabulação dos dados.





## A missão dos sítios de memória

**F**undado em 13 de maio de 2005, o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN) dedica-se à pesquisa, ao estudo e à preservação do patrimônio material e imaterial africano e afro-brasileiro de interesse público. Seu foco principal é o sítio histórico e arqueológico do Cemitério dos Pretos Novos, descoberto fortuitamente pela família Merced e Petrucio Guimarães em sua residência, em 1996, na Gamboa, e que se tornou um marco para os estudos e a memória da diáspora africana no Brasil. Por meio de investigações arqueológicas contínuas, manutenção de acervo e atividades educativas, o IPN gera conhecimentos que estimulam a reflexão sobre a escravidão e fomentam o debate sobre suas consequências para a igualdade racial no país.

As pesquisas arqueológicas realizadas no Cemitério do Valongo foram estratégicas para desvendar a complexidade étnica e geográfica dos indivíduos escravizados. Análises osteológicas, dentárias, estudos de isótopos de estrôncio e investigações de DNA permitiram aos pesquisadores traçarem um perfil diversificado das origens dos africanos ali sepultados. As características dentárias observadas nos restos mortais, como o polimento intenso e as modificações intencionais, não apenas revelaram práticas de higiene, mas também evidenciaram a persistência de tradições culturais africanas em contexto de escravidão.

Mas o IPN transcende o seu papel como espaço de pesquisa acadêmica, sendo também um espaço de memória viva. Nele, a história da escravidão é recontada por meio de exposições, palestras, oficinas e atividades culturais.

Os cemitérios cariocas de pretos novos se unem a outros similares no Brasil e ao redor do mundo, transformando-se numa rede de poderosos cenários para ações em prol do reconhecimento e da memória. Estes sítios do Rio de Janeiro têm especial relevância, considerando que a cidade foi o epicentro do tráfico negreiro no país, recebendo e distribuindo cerca de metade dos africanos trazidos forçadamente para a América portuguesa.

Internacionalmente, destacam-se nos Estados Unidos o African Burial Ground, o Local Sagrado de Inwood e o Cemitério de Cherry Lane, todos em Nova Iorque; o Cemitério da Farmer Street na Geórgia; o Mother Bethel Burying Ground na Pensilvânia; e o Cemitério de Cotton Dike na Carolina do Sul. Merecem menção também o Cemitério africano Golden Rock de Santo Eustáquio, no Caribe holandês, e o cemitério britânico de africanos libertos na Ilha de Santa Helena.

Se a arqueologia contribuiu significativamente para dar voz a esses falecidos, fornecendo testemunhos materiais sobre suas vidas, analogamente despontam, no âmbito da pesquisa histórica, novas evidências provenientes da fragmentada documentação manuscrita que registrou sua passagem pelo Rio de Janeiro. Nesse sentido, para superar o silêncio que encobre a história dos pretos novos, é

essencial uma análise minuciosa dos registros de óbito de Santa Rita, a freguesia colonial responsável por sua cura pastoral.

Apenas dois livros de assentos funerários sobreviveram — conservados pelo Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro — cobrindo os períodos de 9 de junho de 1812 a 14 de junho de 1818 (AP-0561) e de 23 de dezembro de 1824 a 4 de março de 1830 (AP-0562). Os fac-símiles dessa valiosa documentação foram publicados, respectivamente, nos volumes “O Cais e o Cemitério” e “A Morte no Valongo”. Como complemento necessário, o presente volume oferece a transcrição paleográfica completa e a análise de todos esses registros.

Os dois fac-símiles foram acompanhados de breves sínteses introdutórias. A introdução de “A Morte no Valongo” descreve as diversas instâncias envolvidas no tráfico negreiro (a freguesia de Santa Rita, o Lazareto, a Alfândega, o Cais do Valongo, o Cemitério dos Pretos Novos).<sup>1</sup> Por sua vez, a introdução de “O Cais e o Cemitério” apresenta os embates diplomáticos em torno da abolição do tráfico.<sup>2</sup> O propósito de ambas as sínteses consistiu em oferecer um resumo circunstanciado e arquivisticamente fundamentado sobre o tema, estabelecendo uma breve discussão historiográfica. Com efeito, se há múltiplos arquivos e fontes, também há múltiplas explicações e historiografias. Ao cruzar todas as informações, fica patente o quanto já se aprofundou, mas também o quanto ainda falta estudar.

Esta trilogia — lançada entre o 250º aniversário da inauguração do Cemitério de Pretos Novos do Valongo e os 20 anos de fundação do IPN — pretende ressaltar a importância dos sítios de memória para a preservação da voz dos silenciados, a denúncia das atrocidades da escravidão, e o fomento à luta contra o racismo e a discriminação. Tanto por meio das investigações arqueológicas, quanto por meio das pesquisas históricas, torna-se possível honrar a memória e reconstruir as trajetórias dos africanos ali sepultados. Deste modo, o Cemitério do Valongo ergue-se como um testemunho silencioso do passado e como um poderoso catalisador de reflexão para o presente. Seu estudo e preservação são fundamentais para a constituição de uma sociedade mais justa e equitativa, ao nos lembrar que o passado, por mais doloroso que seja, deve ser enfrentado para que possamos construir um futuro verdadeiramente inclusivo.

Iniciativa análoga já tinha sido realizada por Júlio César Medeiros da Silva Pereira. O historiador notabilizou-se em 2007 pela publicação de seu aclamado livro *À Flor da Terra*, no qual apresentou uma primeira aproximação estatística aos sepultamentos fruto de sua pesquisa acadêmica. Na época, ateu-se ao último livro de óbitos, referente ao período de 1824 a 1830. Em seu levantamento, extraiu dos registros alguns dados quantitativos sobre a distribuição dos sepultamentos.

Há de se ter em conta, porém, que os anos extremos da tabulação precisam ser relativizados, na medida que o obituário não começa a 1º de janeiro nem termina a 31 de dezembro; portanto, o sexênio cobre apenas cinco anos completos e alguns meses (cf. Tabela 1). Além disso, é possível identificar mais defunções do que as 6.119 citadas na primeira edição de *À Flor da Terra*: a bem da verdade, o livro de 1824 a 1830 traz 5.602 assentos feitos pelo Pe. Joaquim de Souza Maia, com um total aproximado de 6.473 registros de mortes. No entanto, falta-lhe o fôlio 246, saltando os óbitos ocorridos entre 29/1/1829 e 1º/2/1829.

Ao constatar a grande variação da mortalidade, Júlio Pereira apontou, de forma aguda, que ela seria decorrente de algum fator exógeno à cidade, diretamente ligado ao tráfico transatlântico. Com efeito, ao cotejar os óbitos de pretos novos com os enterros de escravos na Santa Casa (em

<sup>1</sup> A historiografia sobre o tema ainda é pequena. Para o Cais do Valongo, vide as pesquisas de Carlos Eugênio Líbano Soares (2013), Tânia Andrade Lima (2016), Milton Guran (2016), e José Pessoa e Rosana Najjar (2023). Sobre o Cemitério do Valongo escreveram Júlio César Pereira (2007) e Reinaldo Tavares (2018). Cláudio Honorato dedicou-se ao mercado negreiro (2019). Reinaldo Tavares também escreveu sobre o Lazareto (2020). Eu mesmo dediquei longa produção, desde 2016, à Freguesia de Santa Rita, à sua matriz e ao seu primeiro Cemitério de Pretos Novos.

<sup>2</sup> A historiografia correspondente é vasta. Por exemplo, Leslie Bethell (2002) enfatizou a pressão britânica; Jaime Rodrigues (2001) questionou essa primazia; Manolo Florentino (2005) analisou o tráfico África-Rio; Tâmis Parron (2011) explorou a política interna brasileira; Eric Williams (2012) relacionou o fim do tráfico ao capitalismo global; Robin Blackburn (2002) examinou conexões abolicionistas no Atlântico.

1824: 2060; em 1825: 2086; em 1826: 2019; em 1827: 2114; em 1828: 2028), compilados por Mary Karasch,<sup>3</sup> concluiu não haver analogia entre a variação da taxa no Valongo e a estabilidade do número de sepultamentos na Misericórdia, o que parece indicar não ter havido uma epidemia no Rio de Janeiro durante aquele período. Naturalmente, a validade de tal assertiva dependeria de um levantamento mais exaustivo dos óbitos na cidade durante o ano em questão.

**Tabela 1 – Distribuição dos sepultamentos no Cemitério de Pretos Novos do Valongo entre 1824 e 1830 segundo Júlio Pereira (adaptado e corrigido de Pereira, 2007).**

Ano	ENTRADA NO PORTO DO RIO	Total de Sepultamentos	Ladinizados	Pretos Novos	% de Pretos Novos FALECIDOS
1824	25.060 (o ano todo)	27 (de 23 a 31/12)	3	24	—
1825	26.180	1.146	51	1.095	4,18%
1826	35.400	1.582	54	1.528	4,32%
1827	28.750	843	36	807	2,81%
1828	45.870	2.204	75	2.130	4,64%
1829	47.630	648	6	642	1,35%
1830	28.350 (até 13/3)	23 (até 4/3)	0	23	0,08%
Total	<b>237.240</b>	<b>6.473</b>	<b>217</b>	<b>6.063</b>	—

Júlio Pereira buscou corroborar a tese comparando a mortalidade de pretos novos com a mortalidade dos pretos ladinos (os já abrasileirados), alguns dos quais foram sepultados no Cemitério do Valongo e registrados no mesmo livro de óbitos. De fato, os percentuais dessas categorias seguiram padrões divergentes: enquanto os pretos novos apresentaram mortalidade mais elevada e flutuante, refletindo sua vulnerabilidade e condição de vida precária, os ladinos tiveram uma mortalidade consistentemente baixa, indicando uma experiência diferente e menos perigosa, uma vez aclimatados e integrados no Rio de Janeiro. Não obstante, o sepultamento de ladinos no Valongo era uma exceção: as pessoas geralmente eram enterradas em sua paróquia ou irmandade, de modo que o número de ladinos nos óbitos do Valongo só poderia ser utilizado se comparado com os dados funerários das demais freguesias, o que exigiria um volumoso trabalho de pesquisa.

Em outro momento, o pesquisador — valendo-se da indicação do tipo de nau que trouxera os pretos novos desde África — aventou a hipótese de que a maior incidência de uso de bergantins — embarcações menores e mais velozes — não resultou numa diminuição significativa da taxa de mortalidade dos transportados. Mesmo supondo que viagens mais rápidas em embarcações menores poderiam reduzir a mortalidade, a sua pesquisa demonstrou que o aumento no uso de bergantins coincidiu com o aumento no volume total de africanos transportados e, conseqüentemente, no número de mortes.

Júlio Pereira baseou-se na opinião de Nireu Cavalcanti, para quem, no contexto da repressão ao tráfico promovida pelos ingleses, a celeridade dos bergantins — apesar de sua capacidade de carga menor — teria sido “um dos fatores que levava as embarcações de dois mastros (brigues, patachos, sumacas e bergantins) a estarem entre os tipos prediletos para o comércio negreiro”<sup>4</sup>. Aparentemente, viagens ágeis seriam menos dispendiosas para os negociantes. O próprio autor reconhece que argumento carece de comprovação documental no concernente à relação entre o tipo de embarcação e a mortalidade dos africanos traficados.<sup>5</sup>

O mesmo deve ser dito acerca da escolha do navio em função da ingerência britânica. Com efeito, a detenção de navios portugueses envolvidos no tráfico ao norte do Equador por belonaves

<sup>3</sup> KARASCH, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 192.

<sup>4</sup> CAVALCANTI, Nireu Oliveira. *Desembarques*, in: FLORENTINO, Manoel (org.). *Tráfico, cativo e liberdade*: Rio de Janeiro, século XVII-XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 101.

<sup>5</sup> PEREIRA, 2007, p. 114.